

OBS.:

* WPA DE PARTE DO CAPÍTULO "O COMÉRCIO"

LIVRO. AZEVEDO, Thales de. Os elites de cor numa sociedade brasileira...

Os brancos justificam a sua oposição ao casamento com pretos, além das ideologias relativas à inferioridade mental e moral do negro, com a repulsa "instintiva" por certas características orgânicas dos africanos e seus descendentes mais próximos. Certo mulato, educado entre europeus, expressa essa atitude dizendo que "o preconceito de cor não é forte na Bahia, mas a instintiva repulsão da raça branca diante das deficiências da raça irmã, quando pura ou quase pura - mau cheiro, coloração etc. - não deixa de provocar um que outro comentário desagradável sobre os descendentes de Cam". Vale anotar que, enquanto o "mau cheiro" dos pretos é considerado alguma coisa de inerente à sua natureza e portanto insanável, o desagradável odor corpóreo de portugueses e outros imigrantes é atribuído unicamente à falta de asseio dessas pessoas, o que revela uma diferente concepção do preto. E esta concepção coloca o preto numa categoria fisiológica particular e inferior, mal sabendo muitos brancos que eles próprios emitem um odor intolerável para os asiáticos e pretos⁵⁷.

Funcionando a cor e os traços somáticos, em grande parte, como símbolos de status, a resistência aos inter-casamentos traduz ao mesmo tempo preconceitos de classe e de raça ou, melhor de "cor". E é interessante reparar que muitos informantes dizem que praticamente só existe preconceito de cor na Bahia quando se trata de casamento. Muitos brancos também pensam desse modo. Os inter-casamentos são realmente o ponto crítico das relações raciais na cidade. Nesse terreno, o comportamento se caracteriza por mais distanciamento e intolerância dos brancos, mesmo dos que são apenas "socialmente brancos", para com os de cor, o que exige um máximo de esforço para a acomodação recíproca dos dois grupos e para o ajustamento das personalidades aos padrões em vigor.

⁵⁷ É interessante o que se passa com as transfusões de sangue. Quando estas se faziam diretamente do doador para o recebedor, muitas vezes os pacientes brancos ou suas famílias preferiam doadores também brancos, mostrando-se constrangidos quando o doador era um mulato ou preto. Atualmente, com o sistema de sangue conservado, quase ninguém pergunta pela "qualidade" do doador, a não ser os judeus e alguns estrangeiros, especialmente europeus, que pedem sangue de pessoas de suas famílias ou de sua "raça". No primeiro caso o que motivava a atitude dos brancos era provavelmente o fato de que o doador deitava-se numa cama paralela ao doente, situação que figurava a intimidade de duas pessoas que dormem juntas.

O COMÉRCIO

Os comerciantes e fazendeiros têm na sociedade baiana um prestígio proporcional à importância econômica de suas atividades; as famílias mais ricas são constituídas por eles e a sua influência é notória em toda a vida social. Através desses dois gêneros de atividades, a maioria dos baianos obtém a sua subsistência, adquirindo status e exercendo controle sobre outros setores da estrutura social⁵⁸.

Os grupos nacionais e raciais, de que se compõe a população da Bahia, participam diversamente do comércio e da agricultura. Enquanto que entre os mais importantes criadores de gado preponderam os brancos e morenos, há entre os proprietários das plantações de cacau uma alta proporção de pessoas de cor que começaram como pequenos plantadores e alargaram as suas fazenda à medida que o cacau ganhava importância comercial nos mercados internacionais. As lavouras de cana e as usinas de açúcar, que pertenceram a famílias de origem portuguesa muito conscientes do seu *status* e papel social no período colonial, são hoje propriedade quase exclusiva de grandes empresas capitalistas em que dominam brancos e raros mestiços.

As atividades comerciais, de diversos tipos, não são exercidas de modo exclusivo por determinados grupos nacionais e raciais, mas estão divididas até certo ponto entre aqueles, conquanto a tendência seja para o apagamento dessas linhas separatórias. Os

⁵⁸ As atividades econômicas que ocupam maior número de pessoas no Estado da Bahia são a agricultura e a pecuária (67 por cento dos indivíduos do sexo masculino); seguem-se em importância a pequena indústria artesanal e o comércio de mercadorias, de acordo com o censo econômico nacional de 1940. Na Cidade do Salvador (Bahia) estão em primeiro lugar as profissões liberais e o ensino particular, que as estatísticas registram englobadamente, em segundo lugar o comércio e muito abaixo as indústrias referidas e toda a indústria de transformação em grande escala, a qual é relativamente pouco importante.

judeus que imigraram depois da Primeira Guerra Mundial e que o povo conhece como *russos* são os principais donos de imobiliárias e começam a interessar-se por outros tipos de negócios; estritamente exclusivistas na organização de suas firmas, consta que raramente têm sócios brasileiros, de modo que os escuros que empregam em seus estabelecimentos ocupam posições subalternas, não atingindo posições de destaque que sirvam à sua classificação nos estratos mais altos da sociedade.

A endogamia característica dos israelistas também contribui para que as pessoas de cor não tenham oportunidade nesse setor. Alguns judeus de origem francesa, que se estabeleceram na cidade durante a segunda metade do século passado e que se orientaram para o comércio e para a pecuária, foram inteiramente absorvidos pela aculturação; as famílias incluem hoje alguns mestiços claros e morenos. Os espanhóis que dominam o comércio de mercearias e de padarias, estão organizados em firmas de que só participam eles mesmos e os seus descendentes imediatos. Para manter essa estrutura comercial, o grupo renova-se continuamente com a imigração de jovens da mesma nacionalidade, os quais começam a trabalhar em posições modestas e terminam por constituir novas firmas ou por integrar as antigas. No tempo em que esses imigrantes vinham solteiros ou deixavam na Espanha as suas famílias, aqui tinham, com as suas empregadas domésticas, filhos mulatos e morenos que eram criados como ilegítimos, sem direitos sucessórios que somente há poucos anos a lei brasileira assegura às pessoas nessa condição. Desde há cerca de dois decênios os espanhóis começaram a mandar vir ou a trazer para a Bahia as suas famílias, de maneira que hoje constituem um grupo bastante fechado, não só economicamente como do ponto de vista social e, digamos, biológico. Um informante observa que antigamente muitas padarias eram propriedade de pretos; depois os espanhóis as açambarcaram quase todas, de modo que controlam inteiramente esse gênero de negócio.

O antagonismo dos baianos para com os negociantes espanhóis, além das manifestações indicadas noutro capítulo, expressa-se pela crença de que aqueles são os culpados pelas discriminações que se fazem contra as pessoas de cor em alguns

clubes recreativos. No comércio de fazendas e miudezas a retalho, que os sírios, libaneses, árabes e turcos fazem em suas pequenas lojas, não há também muitas oportunidades para pessoas de cor. Os comerciantes árabes aceitam empregados de cor para trabalharem no balcão de seus estabelecimentos, mas como estes são geralmente empreendimentos familiares modestos, os seus poucos descendentes mestiços claros e morenos conservam-se nos estratos intermédio e inferior da população.

Nos escritórios das grandes firmas importadoras e exportadoras, constituídas em parte de europeus como alemães, suíços, ingleses, as pessoas escuras são admitidas e podem alcançar posições de responsabilidade, mas poucas vezes têm acesso ao quadro dos proprietários. Os comerciantes europeus, dizem vários informantes, têm a fama de serem liberais com os seus empregados e com as outras pessoas de cor com as quais negociam ou que colaboram em suas atividades por meio de serviço portuários, transportes, despacho de mercadorias, navegação. Um rico comerciante mulato escuro informa que tem trabalhado muito, em seu negócio de transportes, para grandes firmas estrangeiras; "os ingleses são ótimos nesse particular: ajudam os seus empregados de cor e os promovem a carteiras de chefia". Vários deles lhe têm trazido presentes da Europa e o têm convidado a ir ao seu clube, mostrando-se satisfeitos quando alguém fala a sua língua.

"Os negociantes alemães, dos quais havia antigamente firmas muito fortes na Bahia, também se mostravam muito bons para os seus auxiliares de cor; eram, porém, muito ciosos do seu idioma, demonstrando não gostar quando um preto falava o alemão. Algumas outras firmas européias prestam homenagens aos empregados, mesmo os mais modestos, quando estes completam 20 ou 30 anos de serviços, dando-lhe gratificações nessas ocasiões. Entretanto não os elevam a postos de importância, talvez por não serem competentes. Já o mesmo não acontece com as firmas brasileiras: estas não são acessíveis aos elementos de cor".

É conhecido na Bahia o fato de que, por ocasião de uma das guerras mundiais, uma importante firma alemã transferiu a responsabilidade dos seus negócios a um seu empregado moreno, que sempre se mostrou merecedor de confiança e que no

, cor branca,
e a sua irmã,
muito impor-
te são lisos e
la: o gerente

e as freguesas
. As moças de
mpregadas de
que preferem
s". Outra moça
tanto crespos
nde magazine,
ela e a outras
as que a firma
ossa entrevista,
da firma, quem
Numa afamada
ra, só se aceitam

os os sexos, nas
cos ou morenos.
tuação é aproxi-
pequenas lojas de
tigos domésticos,
as, armazéns de
l frequentada pelo
bi vista nenhuma
gerente, caixa ou
as de cor clara são
ez porque aceitam
pazes.

ntificação da Polícia
pos físicos de 273

pessoas registradas, durante alguns meses de 1950, como comerciantes e empregados em casas comerciais, eram os seguintes:

TIPOS FÍSICOS DE PESSOAS DO COMÉRCIO

POSIÇÃO	T	BRANCOS	PRETOS	MORENOS	PARDOS	MESTIÇOS
Comerciantes						
homens	46	28	-	12	6	-
mulheres	1	1	-	-	-	-
Comerciários						
homens	18	-	-	8	2	-
mulheres	-	-	-	-	-	-
Total	273	117	10	83	50	13

Vê-se que, na posição de comerciantes, a maioria é de brancos; na posição de empregados ou comerciários a grande maioria é de cor, mas de cor clara. Essa a explicação para o fato de ser a profissão de comerciante uma daquelas em que predominam fortemente os brancos⁶⁰, em parte porque a ascensão social nesse setor depende de recursos financeiros, de que os grupos socialmente inferiores não dispõem. Os informantes em geral têm dificuldade em indicar os nomes de mais de três ou quatro pessoas de cor com posição destaca no comércio. Apontam-se, todavia, os nomes de alguns negociantes escuros que têm ocupado cargos importantes na Associação Comercial e noutras instituições sociais de categoria elevada.

“Nos bancos também os escuros não fazem carreira”, dizem os informantes. Num importante banco nacional, segundo algumas pessoas, não se admitem pretos nem mulatos muito pigmentados; nas agências que esse banco tem na cidade raros são os funcionários de cor e estes são sempre claros. Essa seleção é feita, nos concursos de admissão de empregados, julgando com mais rigor os candidatos escuros. Noutros estabelecimentos bancários nota-se menor discriminação. Ainda que os diretores e gerentes dos bancos

⁶⁰ Pierson, *op. cit.*, p. 243.

localmente organizados sejam todos brancos mais ou menos “finos”, aceitam-se funcionários mestiços. Nos escritórios de dois desses bancos contaram-se 13 mulatos claros e morenos, 2 mulatos escuros e 21 brancos. Mas o acesso aos cargos de diretoria e gerência é extremamente difícil porque essas organizações, além de serem, em certo sentido, empreendimentos de algumas famílias tradicionais, exigem a posse de capital sob a forma de ações da sociedade que operam os bancos, o que é difícil aos jovens de cor.

Um funcionário público tinha, portanto, bastante razão em dizer que “as pessoas de cor não têm muita saliência no comércio”.

THALES DE AZEVEDO

AS ELITES DE COR NUMA CIDADE BRASILEIRA

Um estudo de ascensão social

&

CLASSES SOCIAIS E GRUPOS DE PRESTÍGIO



Ed UFBA - 1996 / SALVADOR